


A MACHOCRACIA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE AUTORITÁRIA NO BRASIL, A PARTIR DA SÉRIE “EXTREMISTAS.BR” (2022)

MACHOCRACY IN THE FORMATION OF AUTHORITARIAN PERSONALITY IN BRAZIL, FROM THE SERIES “EXTREMISTAS.BR” (2022)



Robson Pereira da Silva


Universidade Presbiteriana Mackenzie | CNPq


 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6517-0842>

 E-mail: rpsknight@gmail.com

Lays da Cruz Capelozi


Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo


 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4632-0742>

 Email: syalcc@gmail.com

Grace Campos Costa

Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8449-7178>

 E-mail: gracecamposcosta@gmail.com

Resumo: Trata-se, neste ensaio, de testar a hipótese de que a machocracia é um elemento de composição da personalidade autoritária brasileira. Especialmente, a partir de 2016, com o impeachment da presidente Dilma Rousseff, temos assistido a expansão da extrema direita no Brasil e seus flertes direcionados às práticas e aspirações autoritárias e antidemocráticas, cujo ápice assistimos em 08 de janeiro de 2023, com a invasão aos prédios dos três poderes, por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (2018-2022). Para perseguir a hipótese de que a machocracia é um dos sustentáculos do radicalismo de direita, especialmente no Brasil, nosso objetivo é analisar alguns aspectos audiovisuais dos episódios da série documental “Extremistas.br” (Caio Cavechini, 2023), da GloboPlay. Uma série, em oito episódios, que busca acompanhar o cenário político recente do Brasil, mostrando como o debate público no país foi sequestrado pela radicalização antidemocrática. Para sustentar parte de nossas análises dialogamos com as leituras políticas do Brasil contemporâneo de Marcos Nobre (2013, 2020, 2022), Rodrigo Nunes (2022), e sobre a perspectiva da personalidade autoritária nos embasamos nas investigações da teoria crítica de Theodor Adorno (2019, 2020), etc.

Palavras-chave: Machocracia; Brasil; personalidade autoritária; Extremistas.br

Abstract: This article is about testing the hypothesis that machocracy is an element of composition of the Brazilian authoritarian personality. Especially since 2016, with the impeachment of President Dilma Rousseff, we have witnessed the expansion of the extreme right in Brazil and its flirtations directed at authoritarian and anti-democratic practices and aspirations, whose apex was seen on January 8, 2023, with the invasion of buildings of the three powers, by supporters of former president Jair Bolsonaro (2018-2022). To pursue the hypothesis that machocracy is one of the mainstays of right-wing radicalism, especially in Brazil, our objective is to analyze some audiovisual aspects of the episodes of the documentary series “Extremistas.br” (Caio Cavechini, 2023), by GloboPlay. A series, in eight episodes, that seeks to follow the recent political scene in Brazil, showing how the public debate in the country was hijacked by anti-democratic radicalization. To support part of our analysis, we dialogue with the political readings of contemporary Brazil by Marcos Nobre (2013, 2020, 2022), Rodrigo Nunes (2022), and on the perspective of the authoritarian personality, we base ourselves on the investigations of the critical theory of Theodor Adorno (2019, 2020), etc.

Keywords: Machocracy; Brazil; authoritarian personality; extremistas.br

A machocracia é uma performatividade do poder baseada em uma espécie antropológica de homem que representa o macho, um sujeito que acredita no exercício de poder por meio da força de subjugação masculinista, inclusive, com ênfase na forma autoritária da política. A relação poder e autoridade estrutura a sua subjetividade. Esse tipo antropológico fomenta o ódio como traço da política e põe-se como fiador da ordem que mantém “íntacto” o lema integralista “Deus, Pátria e Família”¹, que constantemente vem nos assombrar de forma saudosista e recalcada na política executada por machocratas.

Na ditadura militar² (1964-1985), o lema integralista, de cunho fundamentalista, endossou o “slogan” da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada dias antes do golpe militar que instaurou a ditadura que seria comandada por homens militares. Em 19 de março de 1964, em São Paulo, a marcha contava com muitas mulheres que carregavam o estandarte do peso do sustentáculo do patriarcado na manutenção do capitalismo no Brasil, contra uma falaciosa ameaça comunista. Assim, essas mulheres abriam alas para a autocracia masculina militarizada que salvaguardaria o Brasil de todos os males. Esta marcha foi financiada e fomentada pelo complexo empresarial propagandístico militar, o Ipês e Ibad (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – Instituto Brasileiro de Ação Democrática).

¹ Lema da Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932, por Plínio Salgado. Seus postulados estão na publicação do Manifesto de Outubro, documento onde estão elencados os princípios ultranacionalistas conservadores daqueles que se punham como “soldados de Deus e da pátria em defesa dos bons costumes, das tradições genuinamente nacionais e das raízes cristãs da sociedade, na busca de construir uma nova civilização e um novo homem”. Cf.: Ratton Pires da Silva, Leandro. *Deus, Pátria e Família: Integralismo e Catolicismo em Belo Horizonte*. 2010. 156 folhas. Dissertação em Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

² Optamos por usar o termo “Ditadura Militar”, mas sem deixar de considerar o apoio civil, de setores conservadores, ao golpe de 1964 que a resultou. Compreendemos que a noção de golpe civil militar serve para ampliar os agentes envolvidos no apoio ao processo político de golpe de estado realizado em 1964, quando alguns setores da sociedade conclamaram a derrubada do então presidente João Goulart. Segundo o historiador Daniel Aarão Reis, quando usamos o termo ditadura militar sem o qualificativo civil, estamos a ressaltar apenas o militarismo durante a ditadura o que, por conseguinte, é eliminar o papel de lideranças empresariais e religiosas, bem como entidades civis, que se colocaram a favor do regime ditatorial no país. Nas palavras de Aarão, “é inútil esconder a participação de amplos segmentos da população no golpe que instaurou a ditadura.” Então, obstante a isso, considerando as diferenças e embates que envolvem estes termos, pensamos aqui a ditadura militar como um processo complexo em disputa conceitual, mas que não pode deixar de ser vista por indicativos de atos autoritários e contrarrevolucionários, a princípio como um golpe apoiado por civis e, depois, executado por militares, como expressão resultante de uma “insurreição contrarrevolucionária” das classes dominantes, especialmente de cunho empresarial, como apontou René Dreifuss, em “1964, a conquista do Estado”. Cf: REIS, Aarão Daniel. *Ditadura Civil-militar*. O Globo, Rio de Janeiro, caderno Prosa e Verso, 31 de março de 2012; DREIFUSS, René A. 1964, a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981; DE MELO, Demian Bezerra. *Ditadura “civil-militar”? controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente*. Espaço plural, v. 13, n. 27, 2012.

Recentemente, nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, o lema é reintrojetado na cultura política brasileira e que voltou a ser difundido pelo ex-deputado federal e ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (figura 1) – figura simbólica da machocracia no poder governamental de um país, que possui desde 1985 o período democrático mais longo da República, porém com riscos e com baixa densidade democrática, especialmente pelo lento e gradual processo de redemocratização, pós-ditadura militar, que cedeu lugar ao condomínio “pemedebista no poder”,³ que colocou o PMDB como uma espécie de fiador onipresente da democracia brasileira, o que resultou em diversas crises políticas, inclusive a descrença institucional exposta nas manifestações de 2013.

A machocracia também é um aspecto do que restou da ditadura militar no Brasil, a partir do pretense ambiente democrático tão ansiado pelas lutas de oposição ao regime instaurado em 1964 que, em manifestações ditas pacíficas, volta a ser clamado, como nas passeatas de 2015, àquelas em favor do impeachment da então presidente Dilma Rousseff (figura 2), que além de desejar a derrubada de uma presidente, buscava evocar arcaísmos autoritários reprimidos, porém latentes. Esse fato em aberto, a ditadura militar, deixou seus saudosistas sedentos pela figura redentora do militar que protege os interesses nacionais de forma patriótica e, agora, neoliberal adepto e que deixe a mulher numa posição coadjuvante na política e não ocupante do maior cargo de comando do país.

O referido sentimento de saudosismo acompanha a inteligência militar que fomentou a campanha política e o governo de Jair Messias Bolsonaro, que tinha como vice-presidente o General Hamilton Mourão que, na época da campanha eleitoral de 2018, anunciava uma espécie de retomada da figura do militar, como fiador do capital privado internacional e com a ofensiva ideologia capitalista neoliberal, desejante do fim das garantias de proteção social, como aponta Felipe Catalani:

³ O pemedebismo é o conceito que Marcos Nobre (2022) cunhou para aprofundar e esclarecer o presidencialismo de coalisão, no qual o partido político MDB é o fio condutor mais evidente para observação da produção política de desequilíbrio entre o poder executivo e o legislativo, pelo qual o poder executivo, a partir de seus instrumentos, têm maior poder para formar uma maioria de coalização no Congresso Nacional, especialmente a partir de negociações de emendas, etc. O PMDB sempre esteve nos governos executivos pós-ditadura, porém sem o aceite direto, por eleições presidenciais, muitas vezes, estiveram nas coligações políticas como vice-presidentes, mas sempre ocuparam espaços volumosos no poder legislativo. A partir de 2015, com o processo de afastamento da então presidente eleita, Dilma Rousseff (PT), esse jogo se inverte sobretudo tendo o impeachment como instrumento de revanchismo entre o poder legislativo e o executivo, em que não há equilíbrio entre o fator jurídico e político. Afirmamos isso, pois o fator político das manifestações de 2013 e a medição de força entre os poderes legislativo e executivo se sobrepuseram ao crime das chamadas pedaladas fiscais supostamente cometidas pelo governo. Em suma, historicamente, podemos perceber, a partir de Marcos Nobre, como de certa feita o pemedebismo produziu na cultura política determinado imobilismo na democracia, no sentido de não permitir o adensamento da mesma, especialmente na promoção da transformação social e política. É como se a democracia existisse em dimensão protocolar, na qual as instituições funcionam em um imobilismo em movimento. Cf: NOBRE, Marcos. Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo, Companhia das Letras, 2013; NOBRE, Marcos. Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. Todavia, 2022.

Por outro lado, nos termos da tradição crítica brasileira, o que a inteligência militar por trás da candidatura de Bolsonaro está anunciando (e que o professor da UFF Marco Aurélio Pinto chama de “doutrina da dependência militar”) é, mais uma vez, uma “desistência histórica”, em que se optaria pelo capital privado internacional e uma “condição de sócio menor do capitalismo ocidental”, como dizia FHC. O Brasil não é mesmo o país do futuro e assim declara-se encerrada a formação nacional: esse diagnóstico não é de um crítico pessimista, mas deles mesmos. O plano de Mourão, que abertamente falou da “indolência do índio” e da “malandragem do negro”, poderia ser resumido nessa nova dependência do capital privado internacional do ponto de vista ideológico como um branqueamento do capitalismo nacional.⁴



Figura 1 - Campanha política embasada em lema integralista. Apoiador de Bolsonaro em Capela do Alto Alegre - Bahia. Fonte: <https://epoca.oglobo.globo.com/politica/expresso/noticia/2018/01/justica-manda-retirar-outdoor-de-bolsonaro-no-interior-da-bahia.html>

⁴ CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. Blog da Boitempo, v. 28, n. 10, 2018, s.n. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/#_ftn12. Acessado em: 05 de março de 2023.



Figura 2 - Manifestações pró-Impeachment com pedidos de intervenção militar, em 15 de março de 2015. Fonte: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/vitimas-da-ditadura-mostram-revolta-com-pedidos-de-intervencao-militar.html>

Em 1989, um ano após a promulgação da atual Constituição da República Federativa do Brasil, Caetano Veloso, na canção *O Estrangeiro*, trazia à cena um lampejo do que viria ser a machocracia no centro da cultura política brasileira, nos seguintes versos:

É chegada a hora da reeducação de alguém / Do Pai do Filho do Espírito Santo
 amém / O certo é louco tomar eletrochoque / O certo é saber que o certo é certo / O
 macho adulto branco sempre no comando / E o resto é o resto, o sexo é o corte, o
 sexo / Reconhecer o valor necessário do ato hipócrita / Riscar os índios, nada
 esperar dos pretos / E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento. ⁵

Essa canção elucida o aspecto de dominação masculina no poder, que não se isenta de ferir os direitos humanos e medidas de proteção social para manter o lema supracitado vivo, mesmo que tenha que fazer muitas pessoas sangrarem até morrer, por não fazerem parte da sustentação deste ideal de manutenção do capital. Este tipo antropológico, enquanto agente político, deseja o extermínio de parte de uma população vista como supérflua e descartável. Em nome dessa perspectiva de sociedade, historicamente, no Brasil, se cometeram inúmeras desigualdades e necropolíticas⁶ contra a outridade não branca-heterossexual e não acumuladora de capital, como bem aponta Gregorio Duduvier:

⁵ VELOSO, Caetano. *O Estrangeiro*. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda, 1989. 06 min. e 11 seg.

⁶ Conceito elaborado pelo filósofo Achille Mbembe para designar ações políticas pautadas pela legitimação do extermínio do outro, cuja justificativa reside na manutenção da ordem vigente, intrínseca aos governos de práticas autoritárias de administração da vida e da morte das populações. No caso do Brasil, a necropolítica é perceptível

Ninguém no Brasil nunca fez merda em nome do Capeta, da Maconha ou da Sacanagem. Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. “Nossa bandeira jamais será vermelha”, dizem os cidadãos de bem, vestindo verde e amarelo. Já é vermelha há muito tempo, graças a vocês.⁷

Segundo Aguinaldo Rodrigues Gomes (2019), os agentes da machocracia possuem comportamentos bélicos, desumanizadores e autoritários, seus parâmetros são pautados na violência, na reafirmação da solidariedade masculina que busca salvaguardar a legitimidade da austeridade neoliberal contra grupos historicamente vulneráveis, com a persistente ênfase em cortes de direitos sociais, flexibilização, pauperização e precarização das leis trabalhistas e incentivo irrestrito ao porte de armas, a fim de afirmar a face beligerante deste tipo antropológico. Segundo Gomes,

Estamos diante de uma “androcracia” ou “falocracia”, mas em concordância com o psiquiatra Luís Fernando Tófoli prefiro chamar de “Machocracia” - regime político em que seres humanos do gênero masculino dominam a cena política e transformam o machismo, a misoginia, a lgbtfobia e o repúdio às diferenças numa pauta política que visa a precarização e muitas vezes eliminação de vidas que, na visão desse regime, não merecem ser vividas.⁸

Devemos apontar que o machocrata flerta com o autoritarismo fascista e busca agitar o radicalismo de direita, que fomenta um potencial fascismo no ambiente democrático, ou seja, não necessariamente se filia, de maneira clara, ao fascismo histórico acontecido no século XX, como o nazismo de Hitler na Alemanha. Muitas vezes, não ousam professar abertamente objetivos fascistas. Embora, cabe salientar que no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, em 2020, tivemos emulações brasileiras precisas que evocavam o fascismo histórico, como a “performance” política de direita realizada pelo ex-secretário da cultura, Roberto Alvim, que reproduzia trechos de discurso de ministro da Propaganda nazista de Hitler, Joseph Goebbels, e propunha aspectos fascistas ultraconservadores para arte e cultura brasileira. Esse pronunciamento possui uma semiótica autoritária, na qual o homem autoritário é responsável pela manutenção do vínculo capitalista entre Deus, Pátria e Família. Esse tipo de postura nos faz perceber a iminência das raízes que o fascismo fincou na cultura política contemporânea, por isso não devemos observá-lo como apenas um problema psíquico de indivíduos, mas como um fenômeno social e ideológico que, historicamente, está ligado à sobrevivência do capitalismo. O capitalismo é uma condicionante para a existência do fascismo.

através de discursos de ódio e ações violentas endossadas pelos agentes do estado, em grande parte direcionadas à população negra e LGBTQIA+. Cf: MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

⁷ DUVIVIER, Gregório. Prólogo. In: SOLANO, Esther et al. (Ed.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. Boitempo Editorial, 2018, s.n.

⁸ GOMES, Aguinaldo. R. Machocracia, negacionismo histórico e violência no Brasil contemporâneo. *Revista Nanduty*, Mato Grosso do Sul, 7(10), 2019, pp.146 a 158, p. 148.



Figura 3 - Semiótica do político machocrata. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/01/peco-humildemente-perdao-as-pessoas-que-se-sentiram-com-toda-a-razao-ofendidas-diz-alvim-ck5i9s8deo0pa01oc1mjxmy9l.html>

O tipo antropológico machocrata busca endossar a propaganda que incita o medo, o caos e a catástrofe, que requer pessoas inclinadas à submissão ao poder da autoridade do líder, presas ao culto ao chefe salvador da pátria, ao darwinismo social, ao ódio a arte e a ciência, praticantes da homofobia, do racismo, da misoginia, descrença do sistema eleitoral (desde que eles sejam os perdedores) e incentivam que a democracia passa a ser vivida e mediada pelas mídias sociais, onde produzem e atacam os adversários (que passam a ser inimigos). A mentira e a fantasia encarnam a produtividade da propaganda, como bem afirmou Adorno, em *Aspectos do novo radicalismo de direita*:

[...] O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos no sentido mais amplo, combinada com a cegueira, com uma abstrusidade dos fins que aí são perseguidos. E creio que justamente essa constelação de meios racionais e fins irracionais, se eu puder expressar de forma abreviada, corresponde de certo modo à tendência geral civilizatória que resulta em uma tal perfeição das técnicas e dos meios, enquanto, na verdade, a finalidade geral da sociedade é ignorada. A propaganda é genial, sobretudo pelo fato de que, nesses partidos e movimentos, ela nivela a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa. Se os meios são substituídos pelos fins em uma medida crescente, então pode-se quase dizer que, nesses movimentos de direita radical, // a propaganda constitui, por sua vez, a substância da política. E não é nenhum acaso que os assim chamados líderes [Führer] do nacional-socialismo alemão, Hitler e Goebbels, eram justamente, em primeiro lugar, propagandistas; e a produtividade e a fantasia deles entrou na propaganda.⁹

Assim, os agentes da machocracia são atravessados pelo retorno narcísico prontamente garantido em processos propagandísticos. A título de exemplo, destacamos que o retorno narcísico de Roberto Alvim seria Goebbels, como o de Bolsonaro seria a figura do coronel torturador na ditadura militar brasileira, Coronel Carlos Brilhante Ustra, a quem

⁹ ADORNO, Theodor. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 54-55.

o ex-deputado dedicou o seu voto a favor da cassação do mandato de Dilma Rousseff. Bolsonaro alçou Ustra a categoria de herói nacional, conforme postagem em seu twitter, em 16 de outubro de 2015.¹⁰ Ao fazerem referências a sujeitos historicamente conhecidos por serem violentos e antidemocráticos, os agentes do bolsonarismo personificam a agitação para a extrema direita de forma cínica, ao inverterem a ordem lógica dos fatos, violar as mediações, impor cenas de virilidade em favor das espetacularização e estetização da política, muitas vezes tomadas como peraltice inofensiva, tolice ou loucura, o que é um erro, pois segundo Adorno,

o agitador fascista é usualmente um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos. Isso somente é possível devido a uma similaridade estrutural geral entre seguidores e líder, e o objetivo da propaganda é estabelecer um acordo entre eles. [...]Os agitadores fascistas são tomados a sério porque arriscam a se passar por tolos.¹¹

Ou seja, trata-se do uso racional e instrumental da irracionalidade fomentado pela propaganda que se configura como uma gratificação que produz identificação entre o líder e as massas.

No cenário neoliberal, as tendências autoritárias buscam aglutinar os descontentamentos e as reações às desclassificações sociais (manifestadas por receios de concorrência e insegurança econômica), especialmente da classe média, profundamente afetada com a crise econômica global de 2008, o que produziu uma espécie de ressentimento, pois esta fatia da população está mais distante dos agentes concentradores de capitais e mais próximas de setores mais precarizados na estrutura do capitalismo financeiro que, inclusive, agora, atua com a invisibilização da burguesia através da mediação da tecnologia das plataformas digitais. A força da extrema direita emerge no esforço hipermediático da comunicação “dadocentrica”¹², fruto do extrativismo digital, na qual as

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/654983553051152384?lang=fr>

¹¹ ADORNO, T. W.; LOWENTHAL, L.; MASSING, P. W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 144-145.

¹² Essa comunicação aproveita-se da experiência de compartilhamento digital do mundo, para cooptar dados e vendê-los por meio de plataformas de sociabilidade digital à revelia dos seus produtores/consumidores. Segundo Cary, “as plataformas conseguem estruturar processos de modulação que são desenvolvidos para delimitar, influenciar, reconfigurar o comportamento dos interagentes na direção que os mantenha disponíveis e ativos na plataforma ou que os faça clicar e adquirir os serviços, produtos e ideias negociadas pelos donos do empreendimento”. Cf: CRARY, Jonathan. 24/7. *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac e Naify, 2014, p. 42. Essa perspectiva de mercado digital de dados está diretamente conectada com os empreendimentos do Vale do Silício, criticado por Morosov (2018, p. 95) que aponta: “A proposta do Vale do Silício é clara: graças aos ciclos de retroalimentação constantes, todos podemos nos tornar empreendedores e cuidar dos próprios negócios! Como Brian Chesky, diretor executivo da Airbnb, afirmou à revista Atlantic: “O que acontece quando todo mundo vira uma marca? Quando todos têm uma reputação? Todos podem se tornar empreendedores”. Cf.: MOROZOV, Yevgeny. *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Editora Ubu, 2018. 94. O empreendimento estaria em cooptar a atenção junto de dados e vendê-los. “O esquema é elementar: primeiro, o negociante atrai a “atenção” alheia; ato contínuo, sai por aí a vendê-la – mas, detalhe crucial, sai a vendê-la com zilhões de dados individualizados sobre cada um e cada uma que, no meio da massa, deposita seu olhar ansioso sobre as telas eletrônicas e entrega seus ávidos ouvidos aos headphones

redes e mídias sociais vendem e fazem circular dados que reestruturam a arena política e econômica global, não obstante, suprimindo o espaço público de debates.

Ou seja, busca conformar uma personalidade autoritária¹³ que é calcada em atitudes etnocêntricas, preconceituosas e conservadoras fomentadas por atividades do capital financeiro, que expressam convicções políticas e sociais dos indivíduos que perseguem um padrão mental de tendências profundamente marcadas pelo desejo de manutenção do status quo e pela força da autoridade, sustentada pela exaltação militar na política, descrença no sistema eleitoral e produção e reprodução de mentiras, as chamadas fakes news. Esta última, a partir de sua função propagandística de manipulação, na perspectiva de Catalani, realimenta a produção de sofrimento, atua na política de ameaça, extermínio da oposição e garante a reprodução do ressentimento.

As famosas e tão debatidas “fake news” têm um papel central no funcionamento ideológico, na formação de sujeitos paranoicos, acuados, e ao mesmo tempo indignados e apáticos (a ideia de indignação apática talvez seja aqui complementar à definição de fascismo como “revolta na ordem”, segundo João Bernardo). O apático indignado é um info-junkie viciado em fatos.¹⁴

cada vez mais imperceptíveis. Os conglomerados da era digital elevaram o velho negócio do data-base marketing à enésima potência, com informações ultra precisas sobre cada pessoa, e desenvolveram técnicas neuronais para magnetizar os sentidos dos ditos usuários. O negócio deles é o extrativismo do olhar e dos dados pessoais”. Cf: BUCCI, Eugênio. *A superindústria* do Imaginário. Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

¹³ A personalidade autoritária, como conceito, provém do elo entre as “disposições psicológicas e as inclinações políticas”. Este termo surge a partir de um conjunto de trabalhos empíricos de psicologia social sobre preconceito e autoritarismo, tendo o antissemitismo como ponto de partida da estrutura histórica das atitudes de agentes autoritários, em diferentes escalas. Esses estudos contaram com a participação e coordenação de Theodor Adorno e outros pesquisadores e culminou no livro *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Estes pesquisadores produziram o mapeamento dos traços autoritários, do ponto de vista subjetivo (cultural e historicamente atravessado), em atitudes de expressão de preconceitos, xenofobia, etnocentrismo, e posições políticas conservadoras e/ou reacionárias, que se manifestam em convicções políticas e sociais de indivíduos que prosseguem determinados padrões mentais que atuam com tendências profundas na personalidade. Essa personalidade é manipulada profundamente pelos aspectos ideológicos da propaganda, que não oportuniza o sujeito a compreender o sistema que o coopta e, por isso, ela protege a manutenção do status quo, com meios denegação da realidade com truques propagandísticos. Cabe salientar que a personalidade autoritária escamoteia a subordinação da relação entre meios e fins, que resulta numa espécie de autonegação do autoritarismo na própria consciência do sujeito. Pela propaganda o sujeito é manipulado por uma relação direta com o inconsciente que o leva para fins irracionais calcados nos interesses capitalistas que tem por objetivo impactar inconscientes. A grande questão que o livro busca compreender é como o autoritarismo se apresenta em ambiente democrático, não sendo o fascismo um fato isolado da história da humanidade, mas como elemento latente, por exemplo, na sociedade norte-americana, entre as décadas de 1940 e 1950. Ou seja, trata de pensar a coexistência de elementos antidemocráticos, preconceituosos e racistas no plano de uma democracia formalmente exercida. Cf: ADORNO, Theodor W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019; COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Tradução Observações sobre a Personalidade autoritária, de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford. *Trans/Form/Ação*, v. 44, p. 345-384, 2021.

¹⁴ CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Blog da Boitempo*, v. 28, n. 10, 2018, s.n. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/#_ftn12 Acessado em: 05 de março de 2023.

A manipulação e produção de sujeitos paranoicos está centrada no cenário neoliberal da “violência do horror econômico e os lamentos de um moralismo abstrato”¹⁵. Nesta conjunção de fatores de instabilidade neoliberal, no Brasil, tem-se produzido desejos de vingança, revanche e linchamentos de classe, geralmente, sustentado por figuras políticas com forte apelo nas mídias digitais, que se tornaram arena de propaganda e debate público (desqualificado) da política, do qual a democracia moderna, segundo Nunes, ainda não possui “anticorpos” para confrontar:

Numa sociedade global hiperconectada, com bilhões de produtores e consumidores de informação, o que não falta são meios de fazer propaganda sem parecer, semeando conteúdo que tem cara de “orgânico” e “espontâneo” a fim de gerar um engajamento que seja efetivamente essas duas coisas. Os instrumentos de manipulação das métricas de redes sociais, como click farms e contas robôs ou ciborgues; a multiplicação de fontes de notícias falsas; a contratação de influenciadores para publicidade não declarada; a criação de ecossistemas comunicacionais multiplataformas que formam um circuito fechado em que progressivamente se constroem mundos paralelos – tudo indica que vivemos numa espécie de era de ouro da fraude. Se no passado um bom embusteiro sempre plantava um ou dois cúmplices no meio do público para ajudá-lo a atrair suas vítimas, na internet ele pode ter tantos cúmplices quanto lhe couberem no orçamento. Do Brexit até Bolsonaro, a história da guinada à direita da política mundial nos últimos anos é inseparável do fato de que as democracias modernas ainda não possuem anticorpos para lidar com essa transformação.¹⁶

No cenário de desclassificação social produzida pelos entraves do neoliberalismo e ascensão do exercício político fomentado pelo extrativismo digital, da ascendência do capital financeiro e corporativo que, segundo Rodrigo Nunes (2022, posição 103), ocorreu a produção de abalo simbólico e material, os descompassos entre as instituições os anseios da sociedade, no qual o próprio neoliberalismo sofre uma deslegitimação parcial e produz uma afetação do comportamento político das massas formadas por:

grupos cuja vida melhorou possam sentir-se pior se outros a sua volta aparentam ter se beneficiado mais; que protestos ocorram não porque as coisas pioraram, mas porque as expectativas cresceram e é também o que facilita a manobra da extrema direita de associar as perdas que muitos têm acumulado aos ganhos relativos obtidos por minorias e setores historicamente marginalizados.¹⁷

As *fakes news* gerenciam mensagens mentirosas e de ódio para direcionarem o cenário da política institucional que, muitas vezes, é criticado pelos machocratas, mas ao negá-la buscam chegar até as Instituições por meio de eleições diretas realizadas democraticamente, ainda que não compactuem com princípios democráticos. Os políticos passam a governar pelo twitter, facebook, instagram, etc, tendo a política do ódio a sua plataforma de governo.

¹⁵ BENSÄID, Daniel. Os Irredutíveis—Teoremas da Resistência para o Tempo Presente. São Paulo: Boitempo, 2008,p.25.

¹⁶ NUNES, Rodrigo. Do transe a vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.Ebook, posição: 99

¹⁷ Ibidem, posição 103.

Todas as “fake news” têm caráter de denúncia, e aquelas que circulam em torno do “kit gay”, que vão desde a acusação de Olavo de Carvalho de que Haddad teria defendido o incesto até imagens de pedofilia, são mensagens que estimulam tanto repulsa a um outro que realiza um prazer proibido, imoral, quanto desejo vingativo de linchamento (e como demonstrou o sociólogo José de Souza Martins, os linchamentos são uma especialidade brasileira praticada em larga escala). A diferença é que agora o próprio Estado (e a justiça oficial) cumprirá o papel de justiceiro popular e de linchador – a transformação espetacular (e popular!) de um juiz como Sergio Moro em “herói” já dava sinais da guinada linchadora e justiceira da justiça e do Estado, que agora se casa com um punitivismo de massas, que já vinha celebrando atos bárbaros como prender um ladrão no poste pelo pescoço com uma trava de bicicleta e tatuar à força a testa de outro.¹⁸

Nesses termos, o machocrata, que agita o radicalismo de direita deseja que o Estado seja regenerado e que o poder esteja nas mãos certas, o sujeito descrito na canção *O Estrangeiro*. Assim, o Estado estaria salvaguardado na pureza salvadora do homem. Em *Psicologia das massas e o nazismo*, Wilhelm Reich pensa essa relação masculinista do homem com o Estado, como parte fundamental da estrutura sexual dos fascistas, que refunda sistematicamente o mais rigoroso sistema patriarcal e veem no Estado sua extensão de atuação, na qual homens reconhecem o poder em outros homens:

A estrutura sexual dos fascistas, os quais defendem o mais rigoroso sistema patriarcal e reconstituem efetivamente, na sua vida familiar, a vida sexual da época platônica — isto é, “pureza” em ideologia e desintegração e patologia na prática real —, deve ser semelhante às condições sexuais da era platônica. Rosenberg e Blüher, ao reconhecerem o Estado apenas como instituição masculina, fazem-no numa base homossexual. É curioso notar como esta ideologia acaba resultando na negação do valor da democracia.¹⁹

Diante das discussões sobre performatividade machocrata, não podemos deixar de mencionar a figura de Bolsonaro e a forma como tornou a sua imagem como representação do machocrata brasileiro. Esse movimento de ascensão de Bolsonaro começou de maneira quase “despretensiosa”, em meados de 2012, impulsionado pelo programa televisivo CQC²⁰. O programa procurava políticos em exercício em Brasília e cobrava explicações sobre como conduziam seus mandatos, demonstrando que uma grande parte não tinha comprometimento com o cargo. Bolsonaro se destacou pelas falas preconceituosas, sob a via do humor, que foi muito explorado pelo programa, como a relação do político com a questão erótica do macho (figura 4).

¹⁸ CATALANI, Felipe. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. *Blog da Boitempo*, v. 28, n. 10, 2018, s.n. Disponível em: https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/#_ftn12 Acessado em: 05 de março de 2023.

¹⁹ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p. 86-87.

²⁰ *Custe o que Custar* foi um programa transmitido pela Bandeirantes no horário noturno entre os anos 2008 a 2015. O formato foi importado de uma produtora argentina. O programa tinha como objetivo trazer noticiais reais e tecer comentários cômicos, com a intenção de ridicularizar o cenário político.



Figura 4 – Bolsonaro, em 2012, sendo entrevistado pelo repórter Rafael Cortez do programa CQC no quadro Sem Saída. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=aSJsXlkVtq8>

Diante dessas discussões, acerca do poder hipnótico do falo, passamos a testar nossa hipótese a partir da série documental *Extremistas.br*. A série produzida pelo grupo Globo, com direção de Caio Cavenchini, roteiro de Carol Pires, Carlos Juliano Barros e Caio Cavechini, ilustrações em quadrinhos de Vitor Flynn Paciornik. A série foi disponibilizada no *streaming* da própria empresa, Globoplay. Através de 8 (oito) episódios, a série documental procura acompanhar figuras políticas ligadas, especialmente, ao bolsonarismo²¹, entre os meses que antecederam as eleições de 2022 e aponta como esses indivíduos *roubaram* o debate político do país, tendo como base um discurso pautado pelo o que identificamos como machocrata.

²¹Para compreender o termo bolsonarismo, nos baseamos em três autores. O primeiro deles, o jornalista Conrado Hübner Mendes, cunhou a expressão em um artigo publicado pelo Jornal *Estado de São Paulo*, no ano de 2014. Nessa época, Bolsonaro ainda era deputado federal, mas já concedia entrevistas nos mais diversos programas da TV aberta, hostilizando a população negra, homossexuais e defendendo ferrenhamente o uso de armas. Hübner não compreendeu o bolsonarismo como um fenômeno de esquerda ou de direita, uma vez que “não é de oposição nem de situação, não é conservador nem progressista. Merece outro adjetivo porque não aceita, por princípio, a política democrática e as regras do jogo constitucional. Esforça-se em corroê-las o tanto quanto pode. Não está disposto a discutir ideias e propostas à luz de fatos e evidências, mas a desqualificar sumariamente a integridade do seu adversário (e, assim, escapar do ônus de discutir propostas e fatos). Cheio de convicções, é surdo a outros pontos de vista e alérgico ao debate. Não argumenta, agride. Dúvidas seriam sinais de fraqueza, e o primitivo quer ser tudo menos um fraco. Suas incertezas ficam enrustidas no fundo da alma.” Cf. MENDES, Conrado Hübner. Reféns do Bolsonarismo. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 de mar. 2014. Posteriormente, o historiador Daniel Aarão Reis, refletiu o bolsonarismo como um fenômeno permeado pela extrema-direita que eclodiu em vários outros países na última década, como por exemplo nos Estados Unidos e na Itália. Nas palavras do historiador, “Trata-se de uma extrema-direita descomplexada, ativa e propositiva, de grande ativismo público, com frequentes incursões nas ruas, explorando as insuficiências e deficiências dos regimes democráticos, instrumentalizando-os quando convém, desfigurando-os “por dentro” e usando intensamente os mecanismos próprios da revolução digital.” Cf. REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, v.46, n.1, p.03, jan-abr. 2020. Divergindo da reflexão de Daniel Aarão Reis, o sociólogo Bernardo Ricupero defende que o bolsonarismo surge no período do enfraquecimento político da ex-presidente da República, que culminou o impeachment em 2016. Assim, para Ricupero, o bolsonarismo é um processo recente, ainda que carregue também o ressentimento político com o fim da ditadura, além de resquícios advindos de um “pensamento colonial e escravocrata.” Cf. RICUPERO, B. Bolsonaro, a pandemia, o passado colonial e o cenário de 2022. Instituto Humanitas, Unisinos, 2021a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/606302-bolsonaro-a-pandemia-o-passado-colonial-e-o-cenario-de-2022-entrevista-especial-com-bernardo-ricupero>. Acesso em: 16/07/2023.

No quarto episódio da série *Extremistas.br*, intitulado de *Supremo Alvo*, exhibe um dos personagens mais emblemáticos que compõe a machocracia política materializada durante o governo de Jair Bolsonaro. O ex-deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) do Rio de Janeiro, Daniel Silveira, foi preso em 2021, depois de ameaçar ministros do Supremo Tribunal Federal, em especial Alexandre de Moraes. É nesse contexto que a série aborda a trajetória de Daniel Silveira, recuperando vídeos publicados na internet com ofensas a ministros do Supremo Tribunal Federal, incitando a população a reagir com ódio e violência no Congresso, a sua prisão e o indulto concedido por Bolsonaro a Silveira.

Daniel Silveira aparece em um vídeo caseiro destinado a Alexandre de Moraes, com a seguinte fala:

Por várias e várias vezes te imaginei levando uma surra. Pô, quantas vezes eu imaginei você e todos os integrantes dessa corte, quantas vezes eu imaginei você na rua levando uma surra. O que...que você vai falar? Que eu tô fomentando a violência? Não, eu só imaginei.

A partir dessa fala ameaçadora, de Daniel Silveira, podemos observar a fomentação do ódio e da violência expressada por uma figura machocrata dentro do circuito político de extrema direita com ênfase bolsonarista. Malu Mader, a narradora do documentário, explica o peso das falas agressivas advindas de uma figura pública que contribui para a violência política do país, uma vez que “palavras de autoridades e influenciadores se tornaram ações violentas”. Posteriormente, Daniel Silveira mantém o seu discurso de ódio contra outro Ministro do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, lhe proferindo uma série de palavrões, para logo em seguida, mostrar uma retratação em um vídeo feito em fevereiro de 2021:

O que acontece... Fachin é que todo mundo tá cansado dessa tua cara de filha da puta, que tu tem, dessa cara de vagabundo.

E o próximo vídeo feito por Silveira:

E assisti alguns vídeos várias vezes, eu não consegui compreender o momento da raiva que ali me encontrava e peço desculpas a todo o Brasil.

Esse tipo de discurso contra a Suprema Corte faz parte de uma estratégia de implosão das instituições democráticas e o desejo de descredibilizadas, a fim de manter o caos e a instabilidade política. Assim, no documentário, enquanto são exibidas as falas machocratas e antidemocráticas de Daniel Silveira, um desenho em quadrinho, do artista plástico e cientista social Vitor Flynn Paciornik, é apresentado ao espectador, o que de certa forma estetiza o ambiente caótico e violento do cenário político e da paisagem brasileira. Por exemplo, no minuto seis do sexto episódio, podemos ver Silveira e o candidato a deputado estadual, Rodrigo Amorim, que aparecem rasgando a placa em memória à vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assassinada em 2018.

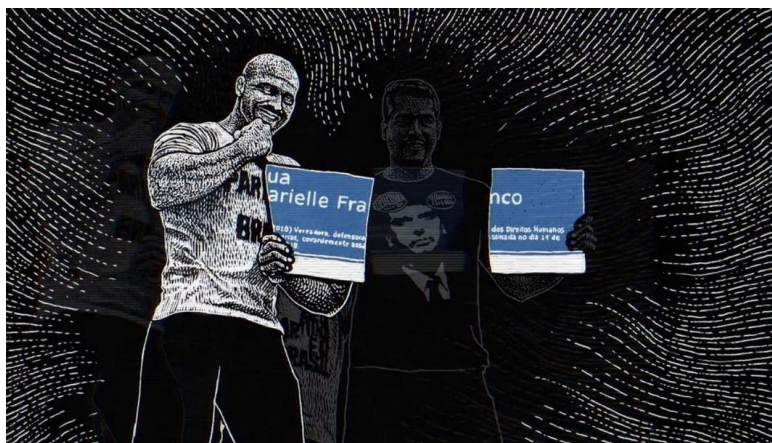


Figura 5 – Extremistas. Br – Episódio Supremo Alvo - 00:06:27

Em uma das falas concedidas pelo atual senador Flávio Bolsonaro - que ainda ocupava o cargo de deputado estadual pelo Rio de Janeiro - para imprensa naquela época, durante as corridas eleitorais de outubro de 2018, ele alegava “restaurar a ordem”:

*Nos acusam de intolerantes, nos acusam de fascistas. No entanto, tive meu comitê atacado várias vezes. Isso mostra que estamos no caminho certo. A missão é combater com força o PSOL e suas pautas repugnantes.*²²

Marielle Franco, eleita vereadora pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no ano de 2016, era uma mulher negra, lésbica e criada na favela da Maré. Ferrenha defensora dos direitos humanos, militava a favor das pautas feministas e dos movimentos LGBTQIA+. Criticava a interferência federal da polícia do Rio de Janeiro contra pessoas em situação de rua, além de presidir a Comissão da Mulher da Câmara. Em março de 2018, Marielle e seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes, foram assassinados a tiros dentro de um carro no Rio de Janeiro.

Marielle carregava todas as pautas que desagradam os aliados políticos de Jair Bolsonaro, cuja visão ideológica se baseia no androcentrismo, uma vez que não fica restrito apenas a submissão da mulher perante o homem, mas também “se caracteriza por meio das inúmeras responsabilidades que, a todo instante, são assumidas pelo homem e levam-no a naturalizar o governo de si, da família e do público.”²³

A misoginia enviesada, especialmente, por políticos de extrema-direita não eclodiu apenas na época das eleições de 2018. A ex-presidente Dilma Rousseff sofreu uma série de ataques de gênero durante o seu mandato (2011-2016), que vão desde a sua sexualidade até questões referentes ao ativismo político durante a Ditadura Militar. A primeira e única

²² Placa de Marielle foi quebrada para restaurar a ordem, diz Flávio Bolsonaro. In: UOL notícias, 2018, s.n. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/04/placa-de-marielle-foi-quebrada-para-restaurar-a-ordem-diz-flavio-bolsonaro.html>. Acesso em 21 abr.2023.

²³ CASTRO, A. M.; CAETANO, M. Dilma Rousseff: as eleições e a lógica androcêntrica na política brasileira. *Revista Ñanduty*, Mato Grosso do Sul, 6(8), 2018, 23–45, p. 26.

mulher eleita ao cargo de presidente da República teve a sua capacidade profissional constantemente questionada, além de sofrer críticas e zombarias sobre a sua aparência física e mental, amplamente endossadas pela imprensa.



Figura 6 - Revista IstoÉ 01/04/2016

O ambiente político, bem como posições de alta hierarquia social, ainda está filtrada pela concepção da figura de um homem branco, “um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão”²⁴. Esse privilégio se mantém historicamente na sociedade brasileira:

Por trás do assassinato de Marielle e do impeachment de Dilma está a constatação de que ainda não superamos o Brasil de séculos atrás. Está o fato que ainda não superamos as capitânias hereditárias, os “homens bons” do Brasil colônia e muito menos a corrupção, que é estrutural e não uma questão de caráter de alguns. São esses “homens bons” que almejam uma retomada e estão organizando para isso, agindo de forma explícita ao colocar nossos direitos em risco, inclusive o direito de votarmos e ser votadas. A plena cidadania de uma mulher é exercida quando ela pode votar em outras mulheres e em projetos de governos que defendam seus interesses. Esse direito vem nos sendo negado por anos, e ele facilmente explica não só por que Dilma Rousseff foi a primeira presidente do Brasil, como também por que passou por um processo violento de impedimento. Não existe cidadania plena para mulheres no Brasil.²⁵

Assim, a figura de Daniel Silveira representa uma gama de apoiadores políticos de Jair Bolsonaro que, desinibidamente, apareceram publicamente na última década. Juntamente com os membros do Movimento Brasil Livre, que ganharam força pós Jornadas de Junho de 2013, que recrutaram jovens – predominantemente do sexo masculino - com inclinações políticas reacionárias e conservadoras. Além de promoverem

²⁴ LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014.

²⁵ RIBEIRO, Stephanie. Feminismo: um caminho longo à frente. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book

congressos, o MBL era ativo nas redes sociais. Um dos membros, Kim Kataguiri, está no seu segundo mandato de Deputado Federal de São Paulo pelo União Brasil.

Influenciadores sociais adeptos deste movimento, como Arthur do Val e Gabriel Monteiro, também assumiram cargos políticos institucionais nos anos de 2018 e 2020, respectivamente. Entretanto, ambos tiveram os seus mandatos cassados por desrespeito e violência contra mulher. Arthur do Val, mais conhecido pelo codinome de Mamãe Falei nas redes sociais, era filiado ao partido União Brasil. Em 2022, Arthur perdeu seu mandato de deputado estadual por São Paulo e ficará inelegível nos próximos oito anos. A decisão foi tomada por causa de falas sexistas contra refugiadas ucranianas²⁶. Gabriel Monteiro, eleito vereador pela cidade do Rio de Janeiro, filiado ao Partido Liberal, foi preso em 2022. Monteiro foi acusado de assédio sexual e violência contra mulheres, entre elas uma menor de idade²⁷.

De Daniel Silveira, Gabriel Monteiro, Arthur do Val, membros do MBL e, até mesmo de Bolsonaro, alguns jovens espelharam-se nessas figuras como inspirações políticas. Em uma pesquisa feita pelo DataFolha, no ano de 2017, cerca de 60% dos eleitores do então candidato a presidente da República Jair Bolsonaro, eram homens e tinham idades entre 16 e 34 anos.²⁸ (MACHADO; SCALCO, 2018)

Se ao longo da década de 2010, as classes mais baixas passaram a desfrutar de bens de consumo, nos anos seguintes - entre 2014 e 2018 - após instabilidades políticas e econômicas, a sensação que pairava era de desamparo social. O poder de compra caiu, além de cortes de benefícios do governo federal.

A questão de gênero também pode ser apontada como um fator responsável por esse *boom* de jovens políticos conservadores que eclodiram na última década. As pautas como o feminismo e o movimento LGBTQIA+ começaram a ganhar espaços nas discussões públicas e nas mídias:

Um dos fatores que nos parece decisivo para a formação de uma juventude bolsonarista é justamente essa perda de protagonismo social e a sensação de desestabilização hegemônica. Isso fica bastante evidente em nossas rodas de conversa mais descontraídas, quando meninos chamam algumas meninas de “vagabundas” e “maconheiras”. Tal modo pejorativo não é nenhuma novidade na sociabilidade juvenil – a diferença é que, agora, muitas dessas meninas reivindicam um papel político de forma mais contundente.²⁹

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/alesp-aprova-cassacao-do-ex-deputado-arthur-do-val-que-perde-os-direitos-politicos-por-oito-anos.ghtml>. Acesso em 17 de abr. 2023.

²⁷ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/justica-mantem-prisao-de-gabriel-monteiro-em-processo-sobre-estupro/>. Acesso em 17 de abr. 2023.

²⁸ MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book.

²⁹ Ibidem.

O sexto episódio (Guerra Moral, Guerra Política) de Extremistas.br, evidencia bem a identificação política que parte dos jovens têm com a figura de Jair Bolsonaro e de outros políticos com ideologias semelhantes à do ex-presidente. É o caso de Luan Lennon, morador da zona norte do Rio de Janeiro, cuja rotina é acompanhada pela equipe da série. Ativo nas redes sociais, Lennon disputava uma vaga de vereador. Em uma de suas falas, Luan dá a sua versão sobre como é ser de extrema-direita e cita a roupa da mulher como exemplo desta posição.

Luan Lennon: Eu não tenho nenhum problema de ser de extrema-direita, só que quando eles dizem que somos extrema-direita, eles querem dizer que somos autoritários, somos extremos. Por exemplo, a roupa, a mulher, a roupa de mulher, é... eles acham, por exemplo, que a gente é muito rígido com isso. “Ah, se a mulher usa tal tipo de roupa, ela é vagabunda.” Não, não é. E como eu já até de falei, por exemplo, não é o seu tipo de roupa que vai te levar pro céu, mas quem é do céu sabe que roupa usar. Essa galera precisa diferenciar liberdade com libertinagem.



Figura 8 – Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:29:52

Portanto, ao citar os exemplos acima, observamos que o conservadorismo de extrema-direita, reavivado no país nos últimos anos, é fundamentado em aspectos masculinistas, como forma de demonstrar a sua força no ambiente público, além de sufocar pautas sociais que visam a mudança do *status quo* de uma sociedade patriarcal. Para além de armas, a machocracia, na política, também se mune de violências, agressões e mentiras para reafirmar o seu poder social, inclusive, diante da juventude precarizada pela política neoliberal predadora.

A política da machocracia de Jair Bolsonaro também buscava a intervenção na educação, como forma de preservar o lema “Deus, Pátria e Família”. Afinal, o espaço escolar, sobretudo nos anos iniciais, não está atrelado somente ao âmbito do conhecimento. Essa instituição se torna um dos maiores *locus* de sociabilidade para

crianças e jovens, e tem como uma das suas principais bases de início de processos de diálogos e do respeito pelas diferenças.

A partir desse pressuposto, no sexto episódio da série, conhecemos o caso de uma professora perseguida por pais de alunos e pastores evangélicos que a acusaram de promover ideologia de gênero numa escola infantil que trabalhava. Essa suposta “doutrinação” de inversão de gênero, feita por pessoas ligadas aos partidos de esquerda, era denunciada por apoiadores do Bolsonaro para conter a ruptura dos “valores da família”. O caso apresentado no documentário ocorreu em São Paulo, na Escola Municipal de Educação Infantil Monteiro Lobato, no ano de 2018. A professora que relata a perseguição sofrida por pais de alunos e por líderes religiosos tem a sua identidade preservada.

Professora: Eu fiz zilhões de cursos, de especialização de direitos humanos, voltada para a área de gênero, no sentido do brinquedo e da brincadeira. E eu queria sair muito da “menina brinca de boneca e menino brinca de carrinho”, né? Era isso que existia. Nessa sala de aula tinha dois, duas crianças que pintavam a unha e um de coque, e eram meninos. E, no começo, né que eu percebi que tavam rindo, fizemos várias conversas, é... com todas as crianças, né, queria saber a opinião das crianças, porque que elas tavam rindo, porque que elas achavam que menino não podia usar coque, porque que não podia pintar a unha, né? Pras crianças tudo bem, né? “Ah, tudo bem”. E aí chegou esse dia que eu acordei com uma... eu trabalhava no período da tarde, eu acordei com... com uma mensagem da diretora, que tava lá na época, assim: “olha o que um pai colocou no Facebook”. Foi isso, não teve bom dia, não teve nada assim.



Figura 9 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:11:11



Figura 10 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:11:40

Em seguida, o documentário exhibe o vídeo que os pais de uma aluna divulgaram em suas redes sociais. A criança conta o que ocorreu na escola.

Criança: Porque a minha professora ensina coisa errada, que menino usa saia, vestido, brinco e pinta a unha.

Com esses relatos exibidos pelo documentário, fica evidente um dos principais pilares que constituem o governo Bolsonaro para manter a sua face autoritária e androcêntrica: o pânico moral. O movimento feminista, pautas relacionadas à diversidade, ao combate ao racismo, ao LGBTQIA+ são considerados riscos para a família patriarcal.

Sobre a “ideologia de gênero”, discutida desde a década de 1970, que buscava analisar empiricamente o dimorfismo biológico e os papéis sociais atribuídos entre o gênero masculino e o gênero feminino.³⁰ Entretanto, o que visa a extrema-direita é retirar a importância da categoria gênero e desinformar os eleitores, utilizando-se de *fake news*, para demonizar um assunto que é seriamente estudado há muitas décadas:

[...] a expressão “ideologia de gênero” merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de um mecanismo simples, embora bastante engenhoso, que consiste em reduzir esta categoria a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característica desse tipo de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a “ideologia de gênero” como um mal a ser combatido. Desde então, professores passaram a enfrentar reações hostis quando abordam gênero e/ou sexualidade em sala de aula, temas considerados controversos, quando não proibidos, por pais e diretores. Essa postura persecutória facilita o trabalho da desconstrução e transformação do gênero em uma categoria diabólica, a chamada “ideologia de gênero”, tornando-se facilmente desqualificável.³¹

Não obstante, a desinformação sobre os debates de gênero se tornou um dos principais pontos da campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018. Com falsas

³⁰ MIGUEL, Luís Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, (62), 1-14, 2021.

³¹ BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book

notícias circulando pelas redes sociais, apoiadores de Bolsonaro defenderam a existência do *kit-gay* e da *mamadeira de piroca*. Espalhando o pânico moral, muitos eleitores atribuíram essas propostas ao candidato adversário de Bolsonaro, Fernando Haddad. Conforme pontua Luis Felipe Miguel, o pânico moral retira qualquer pensamento crítico e racional em torno das pautas levantadas pelos extremistas:

O pânico moral é ferramenta para promover uma mobilização rápida, apaixonada e imune ao debate. Afinal, os “valores” são entendidos como o fundamento de nosso eu; aceitar o questionamento deles é desestabilizar quem nós somos. A reação é altamente emocionalizada; a ameaça, percebida como iminente e devastadora, exige uma resposta contundente, não ponderação ou conversa.³²

O pânico moral fomenta o sujeito paranoico e apto a respeitar a autoridade do líder autoritário, visto como salvador e mantenedor de uma suposta normalidade. Sob este prisma, a professora narra os ataques que sofreu por pais de alunos através das redes sociais, onde o espectador de *Extremista.br* tem contato a uma série de mensagens (baseadas em fundamentalismos religiosos e na defesa da família patriarcal) de usuários do Facebook incitando o ódio contra a educadora, recorrendo à violência e à misoginia, a fim de manter os seus filhos protegidos de uma suposta conversão de gênero.

Professora: Falavam que iam esfregar minha cara no chão, que eu merecia levar um monte de porrada. É que mereceu me bater até eu morrer, que mereceu que eu... que se tivesse perto de mim, descarregaria o três-oitão na minha cara. Fui ficando com medo, de tudo aquilo que estava acontecendo, que era uma coisa muito rápida, era uma coisa muito violenta.

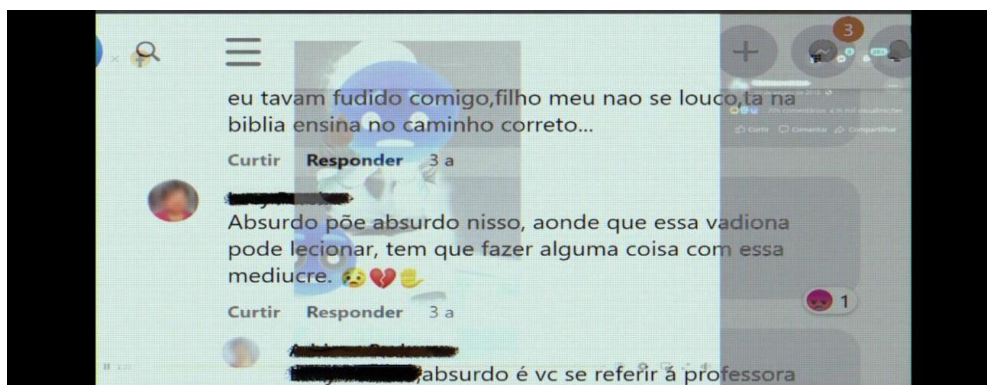


Figura 11 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:12:42

A professora afirmou que apenas propôs uma série de perguntas aos alunos, questionando o motivo de certas práticas que eram permitidas e outras não. O intuito era combater o *bullying* que estava acontecendo na turma, posto que um aluno da classe usava coque e o outro aluno pintava as unhas. Por intimidação e medo, a professora nunca mais pisou em uma sala de aula.

³² MIGUEL, Luís Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas. (62), 1-14, p. 6, 2021.

Um ano depois, o vídeo voltou a circular pela internet, divulgado pelo pastor evangélico Jorge Linhares. Em 2019, com o governo bolsonarista, a então Ministra da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, Damares Alves, endossava o discurso contra a ideologia de gênero, cuja frase mais sintomática foi “menino veste azul e menina veste rosa”, que aparece no documento carrega em uma nuvem de palavras. Posteriormente, a escola recebeu a visita de policiais para investigar a conduta da professora denunciada.



Figura 12 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:13:23

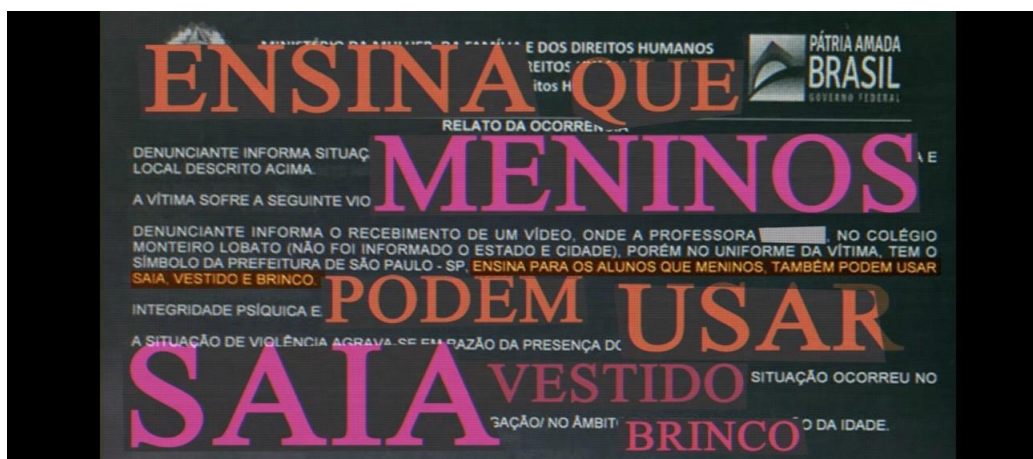


Figura 13 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:14:13

A equipe de reportagem procurou o pastor Jorge Linhares. Ele aparece em dois momentos no documentário: nos bastidores da gravação de vídeos para o seu canal no *Youtube* – que atualmente conta com 110 mil inscritos - e durante a entrevista feita pela repórter da série (Figura 15). No primeiro momento ele aparece em frente às câmeras, iniciando uma discussão sobre cristianismo e gênero.

Jorge Linhares: Eu vou falar hoje sobre esse livro aqui, olha: “Como ser ou não ser”. O título aborda quando é que um homem fica parecido com uma mulher. Quando é que um... uma pessoa fica parecida com o próprio Lúcifer, com o diabo. Deus já tirou a mulher que estava dentro do homem! Quando ele deu um pesado sono ao homem,

ele arrancou da costela do homem a parte feminina que estava dentro dele. E você que é a mulher, que é mãe, que fica muito tempo com o seu filho, lembre-se que você não está criando um bibelô, você está criando um homem, um cabra macho de verdade, e é isso que nós ajudamos, na formação do caráter do seu filho.

No segundo momento, o pastor Jorge Linhares e a sua filha Daniela, também pastora evangélica, são questionados pela repórter sobre os linchamentos virtuais feitos contra a professora do EMEI Monteiro Lobato. Esses dois sujeitos respondem essas questões inseridos numa mise-en-scène configurada numa sala de aula, espaço esse que tem sofrido inferências do fundamentalismo religioso, que tem suprimido a autonomia dos professores, enquanto trabalhadores da educação. A conversa se dá nos seguintes termos:

Repórter: Alguns comentários chamaram a minha atenção: “coloquem essa professora em uma cadeira elétrica e deixem ela torrar até virar cinzas”.

Jorge: Ah, 90% são... são criticando ela?

Repórter: Quase todos. Ela foi afastada da escola, ela teve que se mudar, porque recebia muitas ameaças de morte. Cês...é... conseguiam imaginar que uma revolta como essa poderia ter um impacto?

Jorge: Eu tenho uma resposta pra isso. O ser humano, ele pode escolher um caminho a seguir, ele não pode escolher as consequências. Que foi o caso dela. Cada professor vai passar a pensar no que vai falar nas salas de aula. Não sou favorável a que ela seja colocada numa cadeira elétrica e torrada. Pra mim, ela foi uma pessoa ignorante, ela não mediu as consequências e faltou uma orientação pra ela.

Daniela: Eu sei que o número de pessoas que estão sendo alcançadas é maior do que o número de pessoas que estão nos acusando de qualquer outra coisa, nos chamando de pessoas é... radicais, já nos chamaram também. Isso não me abala em absolutamente nada, pelo contrário, me dá é mais ânimo e mais força, porque eu sei que nós estamos incomodando aqueles que estão tentando tirar os nossos direitos, e tentando destruir aquilo que nós acreditamos.



Figura 14 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:15:40

Por fim, a professora parte para o seu último depoimento dado à equipe de reportagem, ao falar que teve o nome e a escola em que trabalhava divulgados nas redes sociais pelo pastor e, que por isso, foi obrigada a se afastar:

Professora: Acreditar no gosto de... é... de estar na educação infantil, de tá dentro de uma escola, de fazer coisas... é, de pensar coisas pra... pras crianças. Eu não tenho mais nenhuma vontade, assim, de estudar nada, de estudar nada, de ler nada, de...

Isso é muito cruel, né? Isso é muito cruel. Ele (pastor Jorge) divulgou o meu nome, ele divulgou a escola e depois ele não falou mais nada, ele simplesmente foi embora... né? Ele postou uma coisa e deixou acontecer.

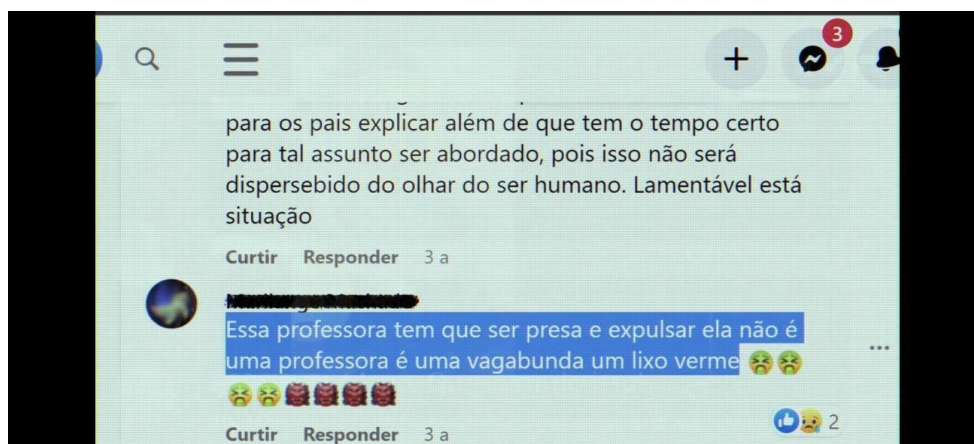


Figura 15 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:16:21

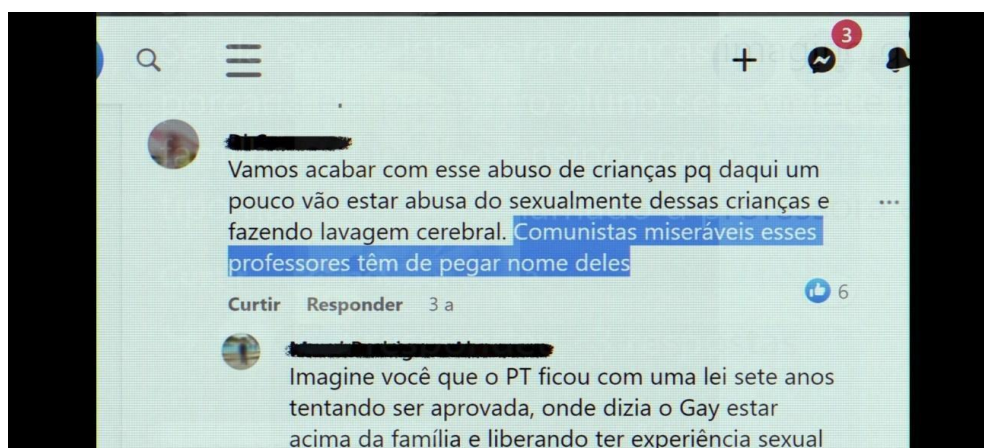


Figura 16 - Extremistas.br – Episódio Guerra Política, Guerra Moral - 00:16:40

Neste contexto que envolve o fundamentalismo religioso, sobretudo com a ascensão do neopentecostalismo no Brasil, a partir dos anos de 1980, pastores começam a assumir concessões televisivas e cargos políticos, reforçam e assumem um falso problema que diz respeito à manutenção da ordem moral e comportamental. Segundo o pastor Henrique Vieira:

O fundamentalismo religioso cristão trabalha com o conceito de verdade absoluta, inquestionável eterna, imutável e para além da história. Essa verdade a respeito de Deus expressa na Bíblia Sagrada. A partir da formulação “está escrito”, constrói-se uma visão de mundo, um modelo comportamental e uma forma de lidar com a sociedade. [...] É possível notar que, dentro dessa perspectiva, a doutrina não é passível de questionamento pois é tida como expressão da vontade de Deus.³³

³³ VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book

Conforme Adorno pontuou, a Igreja oferece algumas propriedades que são fundamentais em regimes autoritários:

[...] alguma das propriedades formais da religião, como a antítese rígida entre o bem e o mal, os ideais ascéticos, a ênfase no esforço ilimitado por parte do indivíduo, ainda exercem considerável poder. Separados de suas raízes e muitas vezes desprovidos de qualquer conteúdo específico, esses constituintes formais tendem a ser congelados em meras fórmulas. Assim, eles assumem um aspecto de rigidez e intolerância, como aquele que esperamos encontrar na pessoa preconceituosa.³⁴

Vale ressaltar, sobretudo no contexto histórico brasileiro, que parte da Igreja teve um papel fundamental para a resistência à Ditadura Militar, além de propor debates referentes à reforma de base. Não podemos nos esquecer que durante os anos de 1960, a Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais buscava melhorias para a população que estavam à margem da sociedade.³⁵

Porém, o que se encontra na política bolsonarista é a junção do fundamentalismo religioso com o extremismo, com o objetivo de despolitizar questões como os direitos das mulheres e diversidade sexual, lhe conferindo autoridade máxima sobre o assunto. A abordagem se torna mais agressiva, com discursos e práticas violentas.

Ao promover a ideia deturpada de “ideologia de gênero”, com a perseguição ao corpo docente e na defesa de uma escola apartidária, cujos professores não estão autorizados em estabelecer uma conexão crítica com os seus alunos, e sim manter uma visão do conhecimento tecnicista e burocrática, nos faz perceber que existe um projeto de retrocesso na área educacional.

Durante o governo Lula (2003-2010) foram realizadas algumas alterações nos currículos educacionais, sobretudo no campo da História, das Artes e da Literatura. Com as leis 10.639/2003³⁶ e 11.645/2008³⁷ tornaram-se obrigatórias o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no currículo escolar com ênfase nessas disciplinas. Posteriormente, em 2008, o ensino da história da cultura indígena também se torna obrigatório no ensino básico.

Com a possibilidade de ampliar os diálogos sobre questões de gênero com os alunos do ensino básico, cuja finalidade era combater a homofobia e colocar em pauta questões referentes ao movimento LGBTQIA+, o tema foi rapidamente cooptado pela extrema-direita que refez uma narrativa em torno do projeto para afirmar que se tratava de

³⁴ ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 488.

³⁵ VIEIRA, Henrique. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. In: GALLEGOS, Esther Solano (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. E-book

³⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

³⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

uma desculpa para sexualizar crianças, promover pedofilia, engajar a promiscuidade nas escolas e outras questões infundamentadas sobre o assunto.

Quando Bolsonaro e seus adeptos extremistas se opõe a figura de Paulo Freire, uma das principais referências de educação no país, é justamente para não dar espaço e autonomia dos educadores e dos educandos, negando um ensino aberto ao diálogo e pautado na tolerância. Em discurso público para a campanha presidencial, em 2022, Bolsonaro fez uma fala inconstitucional ao declarar: *Maioria é uma coisa e minoria é outra, e a minoria tem que se calar e se curvar a maioria. Eu quero respeitar é a maioria.*³⁸

Uma das lógicas de Paulo Freire, entretanto, vai na contramão do discurso, e das práticas políticas dos extremistas ancorados em Bolsonaro. Sobre a tolerância, Paulo Freire afirma:

Falo da tolerância como virtude da convivência humana. Falo, por isso mesmo, da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade de conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior. [...] Por isso mesmo, na tolerância virtuosa não há lugar para discursos ideológicos, explícitos ou ocultos, de sujeitos que, julgando-se superiores aos outros, lhes deixam claro ou insinuam o favor que lhe fazem para tolerá-los.³⁹

Portanto, não existe meio termo ou exercício de tolerância no projeto político de Bolsonaro, bem como naqueles que endossam as suas práticas governamentais. É o que revela o filósofo Marcos Nobre, onde “não só exige ter sempre a última palavra, mas pretende decretar e impor o momento em que qualquer discussão tem de ser encerrada, o momento em que não pode haver outra opção exceto silenciar.”⁴⁰

Considerações em vertigem

A partir das imagens de *Extremistas.br*, observamos a machocracia enquanto um elemento estruturante e partícipe da personalidade autoritária brasileira, potencialmente manifestada na configuração da extrema direita no Brasil, que se tornou prontamente atuante e multiplicada em protestos antidemocráticos (2013-2022). Assim, pode-se constatar que essa performatividade do poder, nas últimas quatro décadas, especialmente nos últimos quatro anos, vem sendo potencializada sob a égide do saudosismo do militarismo ditatorial e como parte da resposta confusa aos efeitos do capital neoliberal,

³⁸ Bolsonaro contraria Constituição e diz que 'minorias têm que se adequar'...- In: Uol notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>. Acesso em 27 de abr. 2023

³⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: Paz & Terra, 2020. E-book.

⁴⁰ NOBRE, Marcos. *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020, p. 20.

porém, também em favor dele, numa plataforma política de extermínio da oposição, que busca a centralidade política do homem heterocissexual na defesa “Deus, Pátria e Família”. Essa perspectiva, faz do macho o controlador e delimitador de uma espécie única a ser mantida, fechado em um universalismo abstrato (cristão, branco, heterossexual, provedor, acumulador de capital).

Nesses termos, exemplificamos este sintoma de estruturação da personalidade autoritária e antidemocrática, numa cena do quinto episódio da série (entre o minuto 18 e 20), quando aparece uma agitadora de acampamentos antidemocráticos, munida de um celular e de uma bandeira, a ex-motorista de ambulância, Ilza, chorando e gritando – “*Maior do Mundo. Só esse homem mesmo para levantar o esse país, para nos livrar do comunismo. Deus... Fazer o Brasil um país livre, um país próspero, resgatar o patriotismo. É só isso que a gente precisa, amar o nosso país*”. Isso é dito durante uma das manifestações antidemocráticas conclamadas pelo silêncio do então presidente Jair Messias Bolsonaro, após perder as eleições de 2022.

A machocracia busca agir na medida em que produz ameaças, mentiras e fomenta a construção de potenciais inimigos visados por sujeitos paranoicos, cooptados em processos de sedução propagandísticas em redes sociais. Esse tipo de atitude nos faz mais próximos do abandono da democracia, como aponta Mbembe (2020)⁴¹, essas políticas de inimizade forçam a sociedade para fora da democracia. As sociedades de inimizade decompõem a cidadania ao corroer e refutar os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que fomentaram historicamente o anseio de uma cidadania pura. Assim, com o processo de fracionamento e apavoramento da sociedade, entra em cena uma cidadania hipotecada⁴² pelos princípios neoliberais que se mantém na produção da insuficiência e da precariedade que, por conseguinte, gera revolta, insatisfação, pânico moral e indignação, estes últimos são o *leitmotiv* que tem servido de justificativa para a atuação da extrema direita e de seus idolatrados líderes (hipócritas e demagogos).

Os agitadores da extrema direita, a maioria homens brancos e heterossexuais, não estão interessados na resolução de injustiças sociais ou o melhoramento da vida da população que tem sido desclassificada economicamente pela austeridade neoliberal. A atuação desses machocratas, como podemos concluir, a partir de *Extremistas br*, está intimamente ligada na organização da destruição das intuições e dos sistemas democráticos, bem como se posicionam como organizadores da política que produz espetacularmente a morte, como aponta Achille Mbembe:

⁴¹ MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2020, pp.14-20.

⁴² MBEMBE, Ibidem, p.14.

[...] A violência até então mais ou menos velada nas democracias voltam à tona, desenhando um circuito mortífero que envolve a imaginação e do qual é cada vez mais difícil de escapar. A ordem política, em quase todos os lugares, reconstitui-se como forma de organização para a morte.⁴³

Assim concluímos que na última década, o Brasil conseguiu fazer emergir um campo de preparação para experiência antidemocrática, onde machocratas conseguiriam cooptar as energias de insatisfação da população brasileira (manifestadas nas ruas) e incentivar alguns setores a espetacularizar anseios antidemocráticos alicerçados na formação de uma extrema direita. O ápice dessa emergência se faz na experiência governamental de Jair Bolsonaro, que conseguiu conglomerar apoiadores e colocar em prática uma plataforma reacionária e conservadora da machocracia no centro da política brasileira. Devemos dizer que o referido governo, pouco a pouco, reinstaurou a paranoia do terror do fantasma comunista, da imoralidade, como uma essência molecular de sustentação e agitação política e se apresentou como agente de um Estado “pretensamente defensivo [e] tenta se legitimar, turvando as relações entre violência, o assassinato e a lei, entre a fé, o comando e a obediência, entre a norma e a exceção, ou entre a liberdade, a perseguição e a segurança.”⁴⁴

A partir destas constatações e das imagens de *Extremistas.br*, estamos assistindo a expansão da extrema direita no Brasil e seus flertes direcionados às práticas e aspirações autoritárias e antidemocráticas, cujo ápice assistimos em 08 de janeiro de 2023, com a invasão e depredação aos prédios dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário), por apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro (2018-2022). As imagens desses acontecimentos estão documentadas, especialmente, nos dois primeiros episódios da série da Globoplay. Nesses termos, o radicalismo de direita no Brasil possui um aspecto masculinista (embora conte com a ação de mulheres heterossexuais) e machocrata do governo Estado, que está calcado em práticas de machismo, racismo, mentiras, agressividade e violência, e que moldam uma espécie de personalidade autoritária na cultura política. Ademais, a “machocracia” (GOMES, 2019), no caso brasileiro, também é marcada pela má elaboração de um passado autoritarista, que reverbera no presente por um saudosismo à ditadura militar no Brasil (1964-1985), tendo o ressentimento um forte fator de manutenção política. A força da extrema direita emerge no esforço hiper midiático da comunicação “dadocentrica”, fruto do extrativismo digital.

Dessa feita, devemos nos atentar com a derrota de Bolsonaro nas urnas, no final de 2022, que a energia do fascismo está projetada entre nós, a qual o bolsonarismo foi um potencializador e que sobrevive para além do seu líder, pois seus agentes, agitadores e

⁴³MBEMBE, Ibidem, p.19.

⁴⁴ MBEMBE, Ibidem, pp.14-20.

apoiadores conseguiram fomentar parte da personalidade autoritária que desde a ditadura militar esperava um cenário para tomar a cena política. É como se peste se fosse e o bacilo permanecesse entre nós,⁴⁵

Recebido em 10 de janeiro de 2023

Aceito em 03 de abril de 2023

⁴⁵ "Nossa felicidade está para sempre ameaçada, pois o bacilo da peste não morre nem desaparece, pode ficar dormente por anos e anos em móveis e roupas aguardando sua hora em quartos, em porões, em baús, em lenços e em pedaços de papel. E virá o dia em que ... para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordará seus ratos e os mandará para morrerem numa cidade feliz". Conferir: CAMUS, Albert A peste [recurso eletrônico] 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2019, p.317.